

Museu
Arte
Arquitetura
Tecnologia

Maoat

**Rui
Moreira
Transe**

O título que o artista escolheu para esta exposição, *Transe*, revela a intensidade que coloca na realização das suas obras e a energia que através delas pretende transmitir. Essas obras, que exigem um tempo de execução lento e profundo e uma realização minuciosa resultam, em simultâneo, da convocação de forças primordiais e citações eruditas.

Rui Moreira construiu ao longo de cerca de 20 anos de trabalho uma mitografia pessoal de múltiplos sentidos. Há narrativas implícitas nas suas obras figurativas, onde as roupas, adereços e gestualidades (citações recolhidas entre o Japão e o Norte de África, Trás-os-Montes, Índia e a Amazônia) acentuam o valor simbólico e compósito das personagens: figuras humanas, animais ou vegetais (por vezes contracenando, outras em fusão metamórfica). As imagens não figurativas, por sua vez, são compostas principalmente por elementos soltos (cruzes, segmentos lineares ou polígonos) cuja organização cria zonas hipnóticas relacionáveis com a arte islâmica, as mandalas orientais ou as rosáceas medievais, ou ainda a ilusão de uma composição modernista e racional; mas, na realidade, todas as soluções acumulam sinais de desvio e fuga a qualquer regra. Finalmente, nas suas paisagens, a terra, o mar e o céu fundem-se, multiplicando e sobrepondo pontos de vista.

No seu conjunto, as imagens de Rui Moreira quase substituem a palavra descritiva e interpretativa: unem-se ao som do mundo (a música obsessiva da percussão ou os cânticos repetitivos dos rituais mágicos) e aos movimentos do mundo (as danças frenéticas dos seres que, em transe, possuídos pelos espíritos, habitam os seus desenhos).

É entre territórios extremos que o artista constrói a sua obra: viajando nos desertos de Marrocos, participando nos cerimoniais das Festas dos Caretos (rituais pré-romanos que subsistem em Trás-os-Montes), dando atenção a culturas literárias, plásticas e cinematográficas como a japonesa ou a russa, integrando dados de artistas plásticos, escritores, cineastas ou músicos que partilham a mesma visão do mundo como experiência extrema.

Ao reunir todas essas referências, Rui Moreira revela-se, simultaneamente, como o único artista português vivo que usa de modo persistente e consistente a arte popular como fonte de inspiração e um dos poucos artistas portugueses que se cruza com culturas não ocidentais a partir de um ponto de vista interior e não ilustrativo.

O que liga Rui Moreira ao presente é o que o afasta de um presente efémero, o que o une ao passado é a sua ligação a um passado vivo, a um universo de tradições e culturas que, submersas pela uniformização global do mundo, só podem ser vistas a partir de um futuro imaginado hoje.

João Pinharanda

Rui Moreira pode dedicar meses a completar um único *puzzle*: dia e noite a desenhar e a colorir, fechado no atelier como numa câmara de mergulho, numa câmara anecoica – pode ser em Lisboa, com a cidade ruidosa em redor, e ele sem a ouvir nem ver; pode ser em Trás-os-Montes, com a aldeia, a serra, as águas vivas dos regatos, os vidoeiros vibrando à luz da manhã, e ele fechado com os seus pequenos desenhos, e ele a caminhar como se fosse encontrar uma alcateia e pudesse uivar e caçar com os lobos. Mas também foi assim quando desenhou no Deserto – tecia um halo de luz e calor em redor, sentava-se, e via a paisagem a partir desse casulo translúcido, os olhos cegos de sol, confundido areia e água, dunas e ondas, montanhas e nuvens.

Os trabalhos de Rui Moreira dispensam uma organização cronológica, são momentos narrativos soltos, mas desejam ser vistos (entendidos) como «sequências narrativas completas»¹, porque os temas que desenvolve se cruzam e regressam constantemente a si mesmos. Para os ligarmos entre si podemos usar conjunções copulativas, como se entre cada trabalho não houvesse articulações de causa, de consequência, de fim..., mas apenas uma acumulação, uma série de «e». As adversativas e as oposições existem, já vimos que a obra de Rui Moreira se faz de sucessivos pares de sentidos opostos ou contraditórios; essa fissura, porém, existe no interior de cada imagem (ou de cada série) e não é produtivo procurá-la entre cada imagem ou série. Nesse sentido, podemos falar também, dentro de muitas obras, de técnicas de colagem – disciplina que o artista pratica também, em certos momentos (alguns cartazes para filmes, as montagens do início deste catálogo, etc.), de modo autónomo. Não se trata de uma colagem fusional, mas por acumulação ou sobreposição, os elementos somando-se na imagem sem se confundirem.

Excerto do texto “Rui Moreira: *Lhiêngua de Artiston*” de João Pinharanda, incluído no livro que se publica por ocasião da exposição.

¹ Referência a uma das obras literárias de Álvaro Lapa (Lisboa: Assírio & Alvim, 1994), pintor e escritor que é uma das referências essenciais na obra de Rui Moreira.



1

Rui Moreira (Porto, 1971) estudou no ar.co – centro de arte e comunicação visual em Lisboa e no Art Institute of Chicago. O seu trabalho é frequentemente orientado pelas suas viagens e explorações. Através das suas criações, ele experimenta e recupera as percepções físicas e psicológicas inerentes a lugares como o deserto de Marrocos, a nascente do Ganges, a selva amazónica ou a região de Trás-os-Montes. Em 2014, o Mudam Luxembourg – Musée d’Art Moderne Grand-Duc Jean apresentou *I Am a Lost Giant in a Burnt Forest*, uma ampla exposição da sua obra. Em 2015, um dos trabalhos de Rui Moreira foi adquirido para a Collection Société Générale. Em 2016, um conjunto de dez obras foi exposto no Pavilhão Branco / Galerias Municipais de Lisboa.

Intitulada *Os Pirómanos*, esta exposição foi depois apresentada no CIAJG – Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em 2017. Em 2018, o seu trabalho foi incluído na exposição coletiva *Saudade – Unmemorable Place in Time*, na Fosun Foundation, em Xangai, e no Museu Coleção Berardo, em Lisboa, e em 2023 numa outra exposição coletiva intitulada *I II III IV V – cinco décadas do ar.co – centro de arte e comunicação visual*, realizada no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, em 2023. Rui Moreira colabora com a galeria Jeanne Bucher Jaeger desde 2008, tendo apresentado várias exposições individuais, a mais recente das quais *The Passengers*, em 2022.



2



3

1 *A máquina de emaranhar paisagens III*, 2009
Guache e caneta de gel sobre papel; 120 × 160 cm

2 *Big Black 1*, 2013
Caneta de arquivo e tinta da China sobre papel; 215 × 140 cm

3 *Telepata III (dedicado a Herberto Helder)*, 2015
Guache, caneta de gel, tinta da China e lápis de cor sobre papel; 215 × 140 cm

Todas as imagens cortesia do artista
e Galerie Jeanne Bucher Jaeger, Paris-Lisboa

Rui Moreira

Transe

26/02/2025 → 02/06/2025

Curador

João Pinharanda

Produção

Fernando Ribeiro com o apoio
de Teresa Valente

Comunicação e relação com os media

Elisabete Sá, Leonor Carrilho

Marca

Mariana Líbano Monteiro,
Francisca Pereira, Ivan Coelho,
Francisca Pargana

Projetos e parcerias

Sofia Madeira Pinto

Serviço visitante e educativo

Raquel Eleutério, Joana Simões
Henriques, Vera Barreto,
Nelson Rodrigues, Tiago Serôdio,
Sebastião Almeida

Coordenação editorial

Nuno Ferreira de Carvalho

Design gráfico

Claudia Lancaster

Montagem

Maria Torrada

Mecenas MAAT



MAAT - Museu de Arte,
Arquitetura e Tecnologia
Av. Brasília, Belém
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130
+351 210 028 102
maat@edp.pt

Agenda

Visita com Rui Moreira

e João Pinharanda:

22/03/2025, 18.30-19.30

Masterclass com Rui Moreira:

06/05/2025, 10.00-22.00

Conversa com Rui Chafes,

Filipa Correia de Sousa,

Rui Moreira e João Pinharanda:

22/05/2025, 18.30-20.00

Publicações

Disponível na loja do museu, o livro **Rui Moreira - Transe** reúne textos inéditos de Filipa Correia de Sousa, Rui Chafes e João Pinharanda, a par da reprodução de inúmeras obras deste artista. Destaque ainda para uma obra que Rui Moreira realizou com André Cepeda especificamente para esta publicação.

Mais informações
e outros conteúdos
maat.pt
ext.maat.pt



@maatmuseum
#maatmuseum



guia de visita



26/02/2025 → 02/06/2025



20